

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS  
Curitiba-PR - Brasil

---

## SAÚDE E ADOECIMENTO DO TRABALHADOR NO PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO CAPITAL: UM ESTUDO DO SETOR BANCÁRIO

**Jéssica Alves Maciel** (UFMG) - jessicaamaciel95@gmail.com

*Bacharel em administração (UFMG), mestranda em Administração (UFMG) e membra do núcleo de Estudos Críticos, Trabalho e Marxologia (NEC-TraMa)*

**Bárbara Katherine Faris Biondini** (UFMG) - barbarakfbiondini@gmail.com

*Psicóloga, mestre e doutoranda em administração (UFMG) e membra do núcleo de Estudos Críticos, Trabalho e Marxologia (NEC-TraMa).*

**Marília Duarte de Souza** (UFMG) - mariliaduartesouza@gmail.com

*Bacharel em administração (UFMG), mestranda em Administração (UFMG) e membra do núcleo de Estudos Críticos, Trabalho e Marxologia (NEC-TraMa)*

**Jade Mariá Pais Vaz de Melo** (UFMG) - jadempvazdemelo@gmail.com

*Bacharel em administração (UFMG), mestranda em Administração (UFMG) e membra do núcleo de Estudos Críticos, Trabalho e Marxologia (NEC-TraMa)*

## Saúde e adoecimento do trabalhador no processo de reprodução do capital: um estudo do setor bancário

### INTRODUÇÃO

O final do século XX presenciou uma série de rearticulações do capital, uma renovação da cabeça aos pés, que resultou em um capitalismo mais competitivo em nível internacional e mais acelerado, no sentido do fluxo ininterrupto de valor (HARVEY, 2011). Essas novas dinâmicas do capital impactaram de forma direta o setor bancário no Brasil e no mundo, principalmente no que tange aos processos de organização do trabalho. A partir da década de 1990 houve uma tendência mundial de liberalização em vários mercados, com abertura do mercado nacional ao capital estrangeiro. Desde então, o setor bancário brasileiro tem apresentado um alto grau de concentração de capital (CAMARGO, 2009).

As instituições bancárias têm mantido elevadas taxas de lucro nos últimos anos ao passo em que promovem uma intensa reestruturação no setor, com o fechamento de agências e uma intensificação dos cortes de postos de trabalho (DIEESE, 2017). Tal movimento tem se sustentado devido aos avanços tecnológicos, que permitem não apenas um aumento na produtividade do trabalho, como também redução da porosidade existente com a supressão das filas físicas pelas filas digitais, reafirmando cada vez mais a contradição capital-trabalho.

Assim, as múltiplas transformações que têm ocorrido no setor financeiro o colocam na linha de frente do labor intenso (DAL ROSSO, 2008), proporcionando alterações quanto à intensidade do trabalho, ritmo, velocidade, quantidade de tarefas a serem realizadas pelos trabalhadores e aumento das competências exigidas dos profissionais, como flexibilidade, polivalência e versatilidade. Tais modificações têm, por sua vez, um grande impacto na saúde dos trabalhadores.

Dessa forma, este trabalho objetiva compreender **como as rearticulações do capital nas instituições bancárias no Brasil intensificam o trabalho e aumentam a produtividade, impactando as questões de saúde e adoecimento do trabalhador bancário**. A contribuição ao debate sobre o tema está no esforço da compreensão do fenômeno à luz da teoria marxiana e no afastamento da perspectiva da psicodinâmica do trabalho, presente em trabalhos produzidos sobre o setor (LIMA et al, 2014; MERLO, BARBARINI, 2002; SANTOS, SIQUEIRA, MENDES; 2010), por entendermos que esta não pressupõe o desvelar das contradições da relação capital-trabalho.

Para atender ao objetivo proposto, o presente trabalho é composto por esta introdução, seguida pelo referencial teórico, onde discorreremos sobre os principais aspectos que tangem ao trabalho na sociedade capitalista, às transformações ocorridas no processo de trabalho, bem como as rearticulações do setor bancário e os impactos no trabalho e saúde dos trabalhadores do setor. Após, expusemos a metodologia utilizada, seguida da análise e discussão dos dados e, por fim, apresentamos nossas reflexões finais.

### 1. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 1.1 O trabalho e suas transformações no capitalismo

O trabalho é categoria essencial e fundante para se compreender a história da humanidade (MARX, 2004). Ele é a gênese do processo de desenvolvimento social, a atividade sensível vital. Para Lukács (1979), o trabalho pode ser entendido como o modelo mais geral de toda e quaisquer práticas sociais humanas, já que estabelece a estrutura e formas

superiores da prática social. É também o ponto de partida da humanização do ser humano, o instante inicial da sociabilidade.

Do ponto de vista ontológico, o trabalho é o fator que humaniza a espécie, posto que se constitui a mediação entre os seres humanos e a natureza e entre os próprios humanos. Conforme Marx (2013, p. 255),

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeças e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Neste sentido, o trabalho é muito mais do que uma simples relação de dispêndio muscular e cerebral posto a serviço de algo. O ser humano se faz humano no e pelo trabalho, numa relação materialista e dialética na qual produto e produtor são transformados. O indivíduo realiza, pois, um duplo domínio sobre a naturalidade, quando, através do trabalho, transforma-a e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo (MARX, 2013).

Para realizar o processo de trabalho faz-se necessário que, além de trabalho humano, expresso como força de trabalho, existam os meios e objetos de trabalho. Segundo Marx (2013), como objetos de trabalho entende-se as coisas que o trabalho separa de sua conexão imediata com a terra. Os meios de trabalho podem ser uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador interpõe entre si e o objeto, servindo como guia da atividade a ser executada. Dessa forma, a atividade produtiva, executada pelo trabalhador mediante a utilização dos meios de trabalho, resulta em uma transformação nos objetos de trabalho. E a força de trabalho, por sua vez, é compreendida como um “complexo de atividades físicas e mentais que existem na corporeidade, na personalidade viva de um ser humano e que ele põe em movimento sempre que produz valor de uso de qualquer tipo” (MARX, 2013, p. 242).

Por sua natureza, o trabalho está presente em todos os modos de produção, uma vez que é fator primeiro da autoconstrução humana e a forma pela qual o ser humano transforma a realidade que o cerca. Entretanto, em uma sociedade cujo sistema de produção é o capitalista, o único bem que o trabalhador possui é sua força de trabalho, assim, uma vez expropriado dos meios de produção, o que resta a ele é vendê-la ao proprietário destes meios, o capitalista, tornando-se, desta forma, uma mercadoria negociável no mercado como outra qualquer (MARX, 2013).

Assim, para o capital, o trabalhador não é senão força de trabalho e, enquanto tal, todo o seu tempo disponível é, por natureza e por direito, tempo de trabalho em prol da valorização do valor (MARX, 2013). No capitalismo, o trabalho, enquanto trabalho assalariado, se apresenta de forma alienada e assume outra conotação, a de desumanização do ser humano como ser genérico, ou seja, aquele que deveria ser livre e ter consciência de si enquanto produtor, encontra-se agora estranhado de seu trabalho, processo este que o aliena da essência que o constitui humano. Com os avanços tecnológicos, cada vez mais é separada a concepção e execução no processo de trabalho, refletindo uma divisão social e econômica do trabalho imposta pelo capitalismo (MARX; ENGELS, 2011).

Desta forma, objetivando aumentar a produtividade do trabalho, diminuir o valor da força de trabalho e, tão logo, encurtar parte da jornada de trabalho necessária para reprodução desse valor [da força de trabalho], o capital revoluciona as condições técnicas e sociais do processo de trabalho, ou seja, revoluciona o modo de produção (MARX, 2013).

Com a inclusão da maquinaria no processo de trabalho constata-se, segundo Souza, Melo e Vasconcelos (2015, p. 113) o surgimento “de um “fenômeno” social sem precedentes,

cuja raízes localizam-se na esfera produtiva”, deixando claro que “o novo processo de trabalho proporciona a produção/acumulação de riqueza em níveis inéditos, ao mesmo tempo em que destrói a saúde dos trabalhadores em uma velocidade e intensidade também inéditas.”. O capitalismo afeta a força do trabalhador em sua raiz vital e, por se guiar apenas pelo caráter egoísta da acumulação,

o capital não tem, por isso, a mínima consideração pela saúde e duração da vida do trabalhador, a menos que seja forçado pela sociedade a ter essa consideração. Às queixas sobre a degradação física e mental, a morte prematura, a tortura do sobre-trabalho, ele responde: deveria esse martírio nos martirizar, ele que aumenta nosso gozo (o lucro)? (MARX, 2013, p. 342).

O avanço tecnológico, portanto, que poderia ser um meio de desenvolvimento da sociedade e encurtamento da jornada de trabalho a fim de liberar o ser humano para sua formação humana, no capitalismo, se converte em um meio de transformar todo o tempo de vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho disponível para a valorização do capital (MARX, 2013). Ou seja, a maquinaria, que por si mesma, poderia contribuir para reduzir o ritmo intenso de trabalho, proporcionando menor desgaste, tanto físico quanto psíquico, ao trabalhador (SOUZA; MELO; VASCONCELOS, 2015), quando utilizada a serviço do capital, torna-se mais um elemento de dominação e exploração da força de trabalho, proporcionando, da mesma forma, o adoecimento da classe trabalhadora.

## **1.2 O processo de reprodução do capital – a reestruturação produtiva e o setor bancário**

Ao refletirmos sobre o processo de reprodução do capital e suas transformações, principalmente propiciadas pela inovação e desenvolvimento tecnológico, podemos apontar que, se os anos de 1970 foram marcados pela estagnação e pela crise da acumulação taylorista e fordista, as três últimas décadas do século XX foram marcadas por intensas modificações no processo de trabalho, com um conjunto de medidas que articulam velhas e novas formas de exploração do trabalhador (ANTUNES, PRAUN, 2015). Segundo Antunes e Praun (2015), a implantação de programas de qualidade total, o modelo de produção *just-in-time*, a reengenharia e a adoção de ganhos salariais vinculados à produtividade e à lucratividade possibilitaram a expansão intensificada da reestruturação produtiva, tendo como consequência a flexibilização, a informalidade e a profunda precarização do trabalho e da vida da classe trabalhadora. Ainda segundo os autores, no contexto da acumulação flexível, aumenta-se os acidentes de trabalho e as manifestações de adoecimento com nexo laboral por meio da incorporação de novas enfermidades (ANTUNES, PRAUN, 2015).

Como resultado da nova divisão internacional do trabalho, há a disseminação de práticas que articulam os pressupostos da liofilização organizacional (expulsão do trabalho vivo na *lean production*), da empresa enxuta e condições de baixa proteção do trabalhador. Em relação aos mecanismos de gestão, são estimuladas práticas pautadas pela multifuncionalidade, polivalência, times de trabalho interdependentes, além da submissão do trabalhador a uma série de mecanismos de gestão pautados na pressão psicológica voltada para o aumento da produtividade (ANTUNES; PRAUN, 2015). Nesse contexto, bancos e instituições financeiras destacam-se entre as empresas que buscam técnicas cada vez mais modernas de elevação da produtividade do trabalhador (DAL ROSSO, 2008). Jacques e Amazarray (2006) apontam que neste segmento a reestruturação dos processos de trabalho se deu de forma mais extensa, e que muitas das transformações que ocorreram culminaram em fatores patogênicos. É, mais um exemplo do avanço da tecnologia a serviço da valorização do valor.

Com o desenvolvimento das forças produtivas, foi requerido um outro tipo de trabalhador bancário, tendo em vista todas as transformações do setor, principalmente com a informatização dos processos, de forma que o conhecimento sobre as tecnologias passa a ser, então, algo fundamental para a execução das atividades. Além disso, tem-se a demanda por um trabalhador pluridimensional (MARX, 2013), um trabalhador que saiba lidar com as múltiplas diversidades das situações de trabalho, que responda e se adapte às mudanças (SILVA; NAVARRO, 2012) e, finalmente, que garanta a produtividade da instituição financeira. De acordo com Jacques e Amazarray (2006), a polivalência exigida destes trabalhadores acaba por exigir uma maior qualificação, tanto em aspectos técnicos quanto comportamentais, e as tarefas, cada vez mais flexibilizadas, acabam enfraquecendo a familiaridade com o trabalho, causando, assim, sofrimento aos trabalhadores.

Dentre os mecanismos disciplinadores das atividades dos trabalhadores, destaca-se a gestão por metas, utilizada de forma intensa no setor bancário. Esse modelo coincidiu com o fortalecimento da lógica de racionalização da economia global, pautada na crescente mensuração dos resultados (ANTUNES; PRAUN, 2015). Assim, conforme Antunes e Praun (2015), a pressão pela capacidade imediata dos trabalhadores às demandas do mercado e a necessidade do capital em eliminar completamente os tempos mortos do processo de trabalho, também colaboram para tornar o ambiente de trabalho um espaço de adoecimento. Silva e Navarro (2012, p. 6), corroboram com essa análise, pontuando, como elementos responsáveis pelo sofrimento do trabalhador bancário, “o aumento das exigências de qualificação, a pressão por cumprir metas, as inconstâncias que geram inseguranças, a sobrecarga de trabalho, a destituição do ‘saber fazer’ e a degradação do status da profissão [...]”.

A precarização do trabalho, portanto, torna-se elemento central da nova dinâmica de desenvolvimento do capitalismo, utilizado como estratégia de dominação que gera impactos diretos na saúde do trabalhador. Sabemos que, segundo Dal Rosso (2008), bancos e instituições financeiras destacam-se entre as empresas que buscam técnicas cada vez mais modernas de elevação da produtividade do trabalhador, unindo tanto elementos oriundos da reestruturação produtiva, quanto formas tradicionais de intensificar o trabalho, como o ritmo e velocidade (DAL ROSSO, 2008). Segundo a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2014), acidentes e doenças com nexo laboral são causas de cerca de 2,3 milhões de mortes por ano no mundo, com uma média de 860 mil pessoas sofrendo algum tipo de lesão por dia. O Brasil, não obstante, contribui diretamente para esses expressivos dados estatísticos, ocupando o 4º lugar no ranking mundial, com mais de 700 mil acidentes e adoecimentos em consequência do trabalho. Nesse contexto, os trabalhadores bancários estão entre os trabalhadores que mais adoecem (CUT, 2014), vivenciando diariamente diversos tipos de opressões e precarização do trabalho.

## **2. PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Na busca por ir além da aparência fenomênica da realidade, o presente trabalho foi realizado a luz do materialismo histórico e dialético, o qual busca apreender o objeto em sua totalidade e, para isso, se faz necessário uma aproximação das múltiplas mediações que sintetizam o concreto. A preocupação desta abordagem concentra-se no entendimento real das coisas, do ser enquanto ser, visto que a dialética proposta por Marx busca tratar as coisas em si (CHASIN, s/d, p.2). Assim, não é o sujeito que constrói o seu objeto por meio da razão e o confronto com o empírico, pois a natureza do objeto está posta em sua objetividade e materialidade, cabendo ao sujeito a apreensão desta natureza, em suas múltiplas determinações.

O método dialético assenta-se sobre três premissas fundantes, quais sejam: a contradição, a totalidade e a historicidade dos fenômenos humanos (FERRAZ, 2010). A

aparência é o ponto de partida para todo e qualquer conhecimento, porém, esta é apenas uma dimensão do real. De acordo com Carcanholo (2013), apenas a essência do fenômeno permite a compreensão sobre os nexos mais íntimos da realidade concreta bem como todas as características da aparência, além de explicar a razão que esta deve ser necessariamente como é.

Tendo em vista os pressupostos metodológicos e os objetivos da pesquisa, utilizamos como instrumentos para a coleta de dados entrevistas semi-estruturadas com trabalhadores bancários, bem como a pesquisa documental. No que tange às entrevistas, foram realizadas quatro, sendo: dois trabalhadores em atividade e dois que pediram afastamento devido ao adoecimento no trabalho. Todos os entrevistados possuíam mais de quatro anos de experiência no setor, ocupando os seguintes cargos: três gerentes comerciais e um técnico administrativo lotado em um posto de atendimento bancário que, para termos de confidencialidade, serão identificados como entrevistado 1, entrevistado 2, entrevistado 3 e entrevistado 4. Os dados retirados das entrevistas estão sinalizados em itálico no corpo do texto.

Na tabela 1 estão sintetizados os documentos utilizados, devidamente identificados da maneira como iremos nos referir aos mesmos no decorrer da análise:

**Tabela 1 - Lista de Documentos**

Ref.	Período	Instituição	Nome do relatório
doc. A	1995	BCB	Participação nos ativos totais do segmento bancário dos 5, 10 e 20 maiores bancos
doc. B	1988 a 1998	BCB	Capital Estrangeiro no Brasil - Quantidade de agências de bancos com controle estrangeiro
doc. C	2008 a 2017	BCB	If. Data - Relatório Resumo dos Conglomerados Financeiros e Instituições Independentes
doc. D	2017	BCB	If. Data - Relatório de Ativo dos Conglomerados Financeiros e Instituições Independentes
doc. E	2017	BCB	If. Data - Relatório Carteira de Crédito Ativa dos Conglomerados Financeiros e Instituições Independentes
doc. F	2008 a 2017	Banco do Brasil	Demonstrações contábeis consolidadas
doc. G	2008 a 2017	Itaú Unibanco	Análise gerencial da operação e demonstrações contábeis completas
doc. H	2008 a 2017	Santander	Demonstrações financeiras individuais e consolidadas
doc. I	2008 a 2017	Bradesco	Demonstrações contábeis consolidadas
doc. J	2008 a 2017	Caixa Econômica	Demonstrações contábeis consolidadas
doc. K	2008 a 2016	Previdência Social	Base de dados Históricas de Acidente de Trabalho
doc. L	2016	DIEESE	Indicadores da Saúde do trabalhador com base na Rais
doc. M	2017	FEBRABAN	Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária (data base 2016)

Fonte: Elaboração própria, 2018

Conforme apresentado na tabela, utilizamos dados do Banco Central do Brasil (BCB) - ente responsável pela supervisão do sistema financeiro no país - tais como dados da evolução anual do sistema financeiro, composição de ativos do setor, composição controle de capital, carteira de clientes e dados cadastrais. A análise debruçou-se, sobretudo, sobre as cinco maiores instituições bancárias do país, sendo estas: quatro principais bancos múltiplos - Banco do Brasil, Itaú, Santander e Bradesco - e a Caixa Econômica Federal. Cabe salientar que as entrevistas foram realizadas com funcionários destas instituições. Também foram utilizados dados econômicos e financeiros divulgados pelas próprias instituições bancárias, devidamente deflacionados pelo IPCA no período<sup>1</sup>, assim como pesquisas divulgadas pela FEBRABAN sobre tecnologia bancária. Quanto aos dados sobre saúde do trabalhador bancário, foi realizado um levantamento dos dados de acidentes de trabalho na base histórica da previdência social, análise dos relatórios com base na RAIS sobre indicadores de saúde do trabalhador e pareceres divulgados pelos sindicatos dos bancários.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 3.1 Rearticulações do capital no setor bancário

<sup>1</sup> O IPCA IBGE (% a.a) de 2008 a 2017 foi de 69,95%.

As novas rearticulações do capital que iniciaram ao final do século XX resultaram em grandes alterações nos processos de trabalho das instituições bancárias. No Brasil, a consolidação bancária adquiriu contornos mais expressivos a partir da década de 1990, acompanhando uma tendência mundial de liberalização em vários mercados, com abertura comercial e financeira ao capital estrangeiro. No que tange ao atendimento bancário, por exemplo, em 1988, apenas 1,52% das agências estavam sob controle estrangeiro, ao passo que, dez anos após, tal percentual elevou-se para 15% da rede de atendimento (doc.b).

Este novo cenário implicou em uma nova estrutura dos padrões de concorrência do mercado brasileiro, com o incentivo aos processos de incorporações e desnacionalização de diversos bancos estaduais, que influenciaram diretamente a concentração de capital no setor. O processo de desnacionalização foi impulsionado, sobretudo, pela crise de liquidez enfrentada pelos bancos estaduais e pelo programa de desestatização iniciado em 1990, no governo Collor, e revitalizado em 1998, no governo do Fernando Henrique Cardoso, com o incentivo à redução da presença do setor público estadual na atividade financeira bancária, programa popularmente conhecido como PROES. Em 1993, 26 bancos enquadrados como de grande porte concentravam 80% dos ativos totais da área bancária (doc.a). Já em 2017, mais de 82% dos ativos estavam concentrados em apenas 5 grandes bancos (doc.d). No que se refere à participação do setor privado nas operações de crédito, 48% do total de operações têm origem privada do controle do capital (doc.d).

De acordo com Marx (2013), a centralização de capitais complementa a obra de acumulação, colocando capitalistas individuais em condições de ampliar suas escalas de produção. Do período de 2008 a 2017, as cinco maiores instituições bancárias do país tiveram uma elevação expressiva de seus indicadores de produção e rentabilidade, apresentando um crescimento real de 40% da receita de prestação de serviços, 63% da receita com intermediação financeira e 39% do lucro líquido (docs. f, g, h, i, j). Tal crescimento deve-se, em grande medida, ao aperfeiçoamento dos meios de produção possibilitados pelos avanços tecnológicos. No ano de 2016, o setor bancário assumiu posição de vanguarda quanto aos investimentos em tecnologia, igualando-se aos aportes governamentais, cada qual com 14% dos 42,9 bilhões totais investidos no ano (doc.m). Devido tais investimentos, atualmente, mais de 54% das transações bancárias são realizadas por meios digitais (doc.m). Dessas cifras, o canal mobile banking tem se destacado com 34%, o que corresponde a mais de 21 bilhões de transações, um crescimento de 21.800% se comparado a 2011, ano a partir do qual se tornou um meio disponível para serviços financeiros no Brasil. Assim, o avanço tecnológico permite não apenas um aumento na produtividade do trabalho, como também uma redução da porosidade existente com a supressão das filas físicas pelas filas digitais, reafirmando cada vez mais a contradição capital-trabalho.

As transformações digitais fazem com que os bancos migrem de suas tradicionais redes de atendimento físico para agências completamente digitais, tendo assim, uma redução generalizada nos pontos físicos de atendimento e no quadro de funcionários, alterações também aceleradas devido aos processos de incorporações. De 2011 a 2016, os bancos múltiplos analisados tiveram uma redução de 5% de sua rede física de atendimento, no que diz respeito às agências e postos de atendimento bancário (docs. f, g, h, i). Quanto às reduções devido às incorporações, para citar um exemplo, o banco Bradesco encerrou o ano de 2017 com 99 mil funcionários, redução de 10 mil postos de trabalho se comparado a 2016, ano em que incorporou o banco HSBC (doc.i).

Dessa maneira, o setor bancário brasileiro tem apresentado um alto grau de concentração de capital e uma busca desenfreada pela expansão dos ativos. Ou seja, formas de manutenção da riqueza, contabilizando um número cada vez menor de poderosos bancos na economia brasileira, visto que os fatores integrantes e necessários para a expansão das escalas de produção geralmente não estão disponíveis para médias e pequenas empresas, o que

contribuiu para a ampliação dos oligopólios financeiros do país, principalmente via processos de incorporações (CAMARGO, 2009; COSTA, 2014). Por sua vez, a concentração de capital, aliada à automação bancária devido aos avanços tecnológicos, têm contribuído para obtenção de lucros cada vez mais expressivos, as custas de seu componente variável, ou seja, os trabalhadores bancários.

### 3.2 Alterações na dinâmica de trabalho do bancário

No contexto das transformações postas ao setor bancário, o emprego, a organização e as condições de vida da força de trabalho também sofrem profundas mudanças. Afinal, conforme afirma Marx (2013), o progresso do sistema capitalista e das forças produtivas aumenta naturalmente a velocidade, e com ela a intensidade do trabalho. Nascimento, Damasceno e Neves (2016) corroboram essa afirmação apontando que são observadas, no setor bancário, alterações quanto à intensidade do trabalho, ritmo, velocidade, quantidade de tarefas a serem realizadas pelos trabalhadores e também das competências exigidas dos profissionais que atuam no ramo, como flexibilidade, polivalência e versatilidade. *O banco exige o tempo todo flexibilidade, disposição, comprometimento, seriedade. (Entrevistado 3)*

O crescente processo de automação bancária permitiu a expansão do fenômeno denominado bancarização, isto é, aumento do alcance da ação bancária no país. Em dezembro de 2017, o sistema bancário brasileiro encerrou o ano com mais de 150 milhões de clientes e mais de 435 milhões de operações<sup>2</sup> (doc.e). Todavia, tal fenômeno torna-se adoeceador para o trabalhador na medida que a expansão da atuação bancária não é acompanhada por aumentos proporcionais da força de trabalho empregada. *Uma agência bancária realiza a prestação de muitos serviços distintos [...] Diariamente a gente recebe tanta demanda que é impossível cumprir todas elas de maneira tempestiva, então a gente acaba tendo que escolher o que é urgente e tendo que deixar as outras demandas para serem atendidas posteriormente. (Entrevistado 4)*

Ao contrapor a base de clientes dos bancos múltiplos analisados em relação ao número de trabalhadores empregados, podemos observar um crescimento de 60% da quantidade de clientes por trabalhador em apenas quatro anos (tabela 1):

Tabela 1: **Relação da quantidade total de clientes por funcionário**

Descrição	2014	2015	2016	2017	Quantidade
					% 2008 x 2017
Número de Clientes	70.603.311	74.900.427	75.762.703	108.185.995	53,23%
Número de Funcionários	342.649	335.557	337.578	328.013	-4,27%
<b>Clientes / Funcionário</b>	<b>206</b>	<b>223</b>	<b>224</b>	<b>330</b>	<b>60,07%</b>

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). If Data. Elaboração própria

Em consonância com o relato dos entrevistados, são cada vez maiores e mais diversas as demandas de trabalho, devido, sobretudo, aos avanços tecnológicos, que permitem que um mesmo trabalhador consiga realizar tarefas que anteriormente exigiam mais trabalhadores. *Hoje em dia a gente tem a obrigação de iniciar um atendimento, é... intermediar o andamento e garantir a finalização, coisa que antes era feita por mais de um funcionário. (Entrevistado 4)*. Conforme sinalizamos anteriormente, a partir de 2011, houve a inclusão no mobile banking como canal para transações financeiras, e desde tal ano, a quantidade de trabalhadores do Banco do Brasil, Itaú e Santander apresentou uma redução de mais de 37 mil postos de trabalho (doc.f ao doc.h).

Segundo Dal Rosso (2008), por parte dos bancos, o aumento das tarefas derivado do aporte tecnológico nas instituições financeiras, não implicaria em esforços adicionais para os

<sup>2</sup> Contadas todas as operações informadas ao Sistema de Informações de Crédito do Banco Central – SCR.

bancários. Todavia, a materialidade dos fatos revela que a redução do quadro de pessoal, juntamente com o aumento da demanda de atividades, resulta na necessidade de aumento da produtividade e, conseqüentemente, na intensificação do trabalho. Conforme relato de um dos trabalhadores,

*[...] o investimento em tecnologia, ele tá muito forte também, se antes a gente gastava cerca de 1 hora e meia pra abrir uma conta, desde o início até o fim, hoje em dia a gente consegue gastar cerca de 15 a 20 minutos, isso por conta da implementação de ferramentas novas, tudo isso contribuiu pra essa agilidade, pra esse ganho de tempo [...] a gente tem um aumento de demandas sendo direcionadas à um mesmo funcionário, pela questão da redução do quadro funcional. (Entrevistado 4)*

Outro ponto que permeou a fala de todos os entrevistados se deve à realização de horas extras. Cabe ressaltar que, em 1993, os trabalhadores bancários conquistaram uma importante vitória com a diminuição de sua jornada de trabalho, passando de oito para seis horas diárias (DAL ROSSO, 2008). Porém, com a reestruturação produtiva e as transformações no mundo de trabalho, estabeleceu-se o banco de horas, resultando em grandes retrocessos aos trabalhadores. Através deste mecanismo, a jornada de trabalho diária pode ser ampliada ou reduzida e as horas trabalhadas a mais são computadas como positivas ou negativas, sem acréscimo no salário (PINA; STOTZ, 2011). Assim, tem-se uma flexibilização da jornada de trabalho, permitindo que esta se adapte às demandas do mercado sem a necessidade de contratação de novos funcionários pelos bancos. Segundo Pina e Stotz (2011), por meio do banco de horas, as empresas podem atuar com o mínimo de trabalhadores e a compensação de horas representa o movimento do capital para permitir a continuidade ininterrupta dos turnos, assegurar o funcionamento contínuo da empresa e eliminar a porosidade no trabalho existente.

*Hoje a palavra de ordem na empresa é não ter custo com hora extra. O que é negociado com os gestores e seus subordinados é que a pessoa trabalhe com horas negativas, ou seja, ela sai mais cedo um dia, ela falta o trabalho um dia para ela gerar horas devedoras que possam ser pagas depois [...] a gente costuma trabalhar com a questão das horas negativas, tanto pra ter uma flexibilidade pra poder fazer hora extra em um dia futuro sem que isso impacte a agência, ao invés de estar recebendo aquela hora extra e gerando um banco de horas, a gente vai estar compensando uma ausência anterior, então.. isso não gera custo pra empresa. (Entrevistado 4)*

Marx (2013) argumenta que existem duas formas de extração de mais-valor no sistema capitalista, sendo estas o mais-valor absoluto, que pode ser extraído mediante o prolongamento da jornada de trabalho, e o mais-valor relativo, o qual está relacionado à intensificação da jornada de trabalho, uma vez que objetiva encurtar o tempo de trabalho necessário, possibilitado a partir do desenvolvimento das forças produtivas. Assim, o trabalhador é capaz de produzir mais, sem alteração na duração da jornada de trabalho. Segundo Laurell (1978), a evolução do capitalismo faz com que a extração de mais-valor relativo se torne predominante por meio do avanço tecnológico e da intensificação do trabalho. A exploração do trabalho decorrente de sua intensificação permeou o relato de todos os entrevistados, conforme o fragmento a seguir:

*Depois começou a proibir fazer hora extra para não pagar nem dar descanso. Mas nessa hora foi quando eu percebi o acúmulo do trabalho acontecer. Não podia fazer hora extra, mas tinha que apertar. O que você fazia em 8 você tinha que fazer em 6. Apertava bem. E nesse sentido era bem rigoroso. Não podia fazer hora extra que o*

*chefe brigava com você. Você acabava trabalhando demais mesmo sem fazer hora extra. (Entrevistado 2)*

Além da possibilidade de realização do banco de horas, que permite jornadas mais extensas de trabalho em períodos de grande demandas de tarefas, também há relatos de trabalhadores que acabam por extrapolar os turnos diários, estendendo a jornada de maneira informal ou mesmo trabalhando fora do local de trabalho. *Apesar do seu ponto cair, você sempre fica mais um pouco, você tem que organizar alguma coisa. Por exemplo, eu fico com meu celular o tempo todo ligado. Tem cliente que me liga agora, me liga sábado. (Entrevistado 3). E ainda, [...] registrar ponto de saída e continuar trabalhando, isso é algo comum dentro da empresa [...] existem colegas que mesmo já tendo cumprido a carga horária diária, continuam trabalhando, mais alguns minutos, ou mais 1 hora por exemplo, pela questão de ter que cumprir tal demanda com certa urgência. (Entrevistado 4).*

O capital usurpa todo o tempo humano para desenvolvimento, crescimento e cuidados com a saúde do corpo. Este avança sobre os horários de refeições e os incorpora e o sono é reduzido a não mais do que o tempo minimamente necessário ao reavivamento de um corpo exaurido (MARX, 2013). Conforme relato dos trabalhadores quanto ao período que consideram dedicar ao trabalho, temos:

*Eu trabalhava de 9 da manhã às 11 da noite todos os dias, porque tinha e-mail para responder, tinha relatório para preencher, então quando a agência fechava que eu ia conseguir trabalhar e enquanto a agência tava aberta eu tava atendendo telefone. Não tinha mais isso de empresa ou casa, é trabalho! Então era onde estivesse. No aeroporto, em casa, domingo, na praia, trabalhava em qualquer lugar, não tinha isso de muro. (Entrevistado 1)*

A fim de garantir o engajamento do trabalhador frente às medidas de reestruturação produtiva decorrentes das novas dinâmicas do capital, foi criada uma série de mecanismos de regulação entre capital e trabalho de forma a assegurar o comprometimento dos trabalhadores com os objetivos das corporações. No setor bancário, a gestão por metas torna-se o principal mecanismo de controle da força de trabalho e de sua produtividade. Isso ocorre porque espaços de trabalho propulsores de altos índices de desempenho e produtividade, que cada vez mais extrapolam as capacidades físicas e mentais dos trabalhadores em suportá-las, não conseguem se manter senão através de sofisticados mecanismos de controle e coerção (ANTUNES; PRAUN, 2015). O método de pagamento atrelado à produtividade é uma maneira em que o capital assegura que o trabalhador efetivamente movimente mais força de trabalho (MARX, 2013).

*Você tem uma meta a cumprir. É de 1 a dia 30, você tem 30 dias pra bater a meta e dia 1º começa tudo de novo. E se você não bate aquela meta, eles criaram um sistema de remuneração que não... por exemplo, você só conseguiria ganhar dinheiro com 100% da meta. Então, 70... 99%... zero! Só o fixo. E a grana massa vinha da comissão. Então você tinha que bater. (Entrevistado 1)*

*O acompanhamento é de hora em hora. A gente tem uma plataforma, um radar, que acompanha a produtividade de cada funcionário. E no whatsapp o tempo todo a equipe e o gerente geral acompanhando e de hora em hora, produtividade, produtividade, produtividade. Final do dia, final da semana, final da quinzena, do mês, do bimestre, do trimestre, do semestre, o tempo todo. (Entrevistado 3)*

Todavia, o estabelecimento de metas muitas vezes não é acompanhado por nenhum compromisso das organizações no que se refere às melhorias nas condições de trabalho, como limites na jornada de trabalho, ritmo de produção e outros instrumentos que zelem pela saúde do trabalhador (ANTUNES; PRAUN, 2015). De acordo com o relato dos trabalhadores, as metas estabelecidas pelos bancos não são factíveis, visto que, dentre outros fatores, não levam

em conta as idiosincrasias de cada posto de trabalho, tornando, então, o processo de cumprimento, fonte de estresse e adoecimento para o trabalhador. *A maioria delas [metas] era não palpáveis. Inclusive a gente não conseguia bater as metas. A agência ficava sempre com 95% da meta batida. Um trem inviável desse. (Entrevistado 2). Não tem um patamar de suficiência definido, quanto mais a gente fizer, mais seremos cobrados (Entrevistado 4).*

Devido, entre outros fatores, à quantidade desumana de metas estabelecidas, têm-se relatos de sofrimento ético por parte dos trabalhadores para conseguirem cumprí-las. Os trabalhadores bancários são diariamente confrontados com prescrições e ordens que os constroem a agir contrariamente às suas convicções e à sua ética profissional (ROLO, 2011) para assim atingirem os resultados esperados pelas instituições. *Falando especificamente de empréstimo pessoal, por exemplo, ele poderia ser feito com cheque ou com o carro como garantia e tal, cara, você ter que dizer pra alguém que ela tem que fazer um empréstimo, porque ela precisa fazer um empréstimo, porque a gente precisa bater a meta... é absurdo! (Entrevistado 1)*

*Eu lembro de mexer muito com um amigo da área de habitação. Aí ele falava: eu vou bater as metas de seguro colocando seguro em todos os seguros habitacionais. Mas você se sente bem com isso? Não, mas eu preciso fazer para garantir meu posto de trabalho (Entrevistado 2)*

Além de metas excessivas e constrangedoras para os trabalhadores bancários, estes não possuem nenhuma participação efetiva na estipulação das mesmas, decisões que permanecem concentradas na cúpula estratégica dos bancos, o que contribui para a expropriação do saber bancário. *Elas [metas] são sempre lá de cima. A gente sempre brinca que são vários martelos e nós somos os pregos. Então vai martelando, vai martelando e chega na gente. Não tem isso. Você não sabe o porquê dessas metas, de onde vem. (Entrevistado 3)*

Assim, para além do desconhecimento quanto à elaboração das metas, há um estranhamento anterior e mais profundo relacionado ao próprio produto de seu trabalho. Segundo Marx (2004, p. 80), dentro do sistema de produção capitalista, “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão”. O trabalho não produz apenas mercadorias, ele produz a si mesmo e ao trabalhador enquanto mercadoria. Por sua vez, o objeto do trabalho apresenta-se ao trabalhador como um ser estranho, como um poder independente do produtor e, quanto mais o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu próprio produto, o capital (MARX, 2004). Tem-se assim, o estranhamento do trabalhador quanto ao produto de seu trabalho. *Nunca me foi mostrado o porquê eu estava fazendo aquelas minhas atividades, na medida em que eu ia conhecendo mais eu ia imaginando, mas nunca me foi mostrado. Nunca foi mostrado esse ciclo produtivo da cadeia. (Entrevistado 2)*

Todavia, o estranhamento não se apresenta apenas no resultado do trabalho, mas também no próprio ato de produção. Se o produto do trabalho é a exteriorização, então a produção tem de ser a exteriorização da atividade (MARX, 2004). O trabalhador não se afirma mais em seu trabalho, mas sim nega-se nele, sente-se infeliz, não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre. Segundo Marx (2004, p. 83), o trabalho não se constitui mais a “satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer as necessidades fora dele”. O trabalho externo se resume em um trabalho de auto sacrifício, de mortificação.

*Trabalhador bancário para mim é opressão, é submissão, você acaba acostumando com o salário, com o dinheiro e às vezes a idade e a estrutura familiar não te permitem mudar. Se você observar, é muito difícil encontrar um trabalhador bancário feliz, porque é um trabalho muito maçante, um trabalho que mexe muito com o seu emocional, que te oprime e você vira um robô, um robô da produtividade. Há palestras do tipo ladrões de tempo, como controlar seu tempo, como trabalhar mais rápido, como ser mais produtivo, muitas vezes você se vê igual naquele filme do Charles Chaplin quando ele está na linha de produção e a pessoa querendo mais e mais e mais e você já está no seu limite e precisa dar mais. Eu não vejo o trabalho bancário como uma fonte de prazer, pelo contrário.” (Entrevistado 3)*

### 3.3 Reflexos na saúde do trabalhador bancário

As transformações que vêm ocorrendo nos bancos, conforme abordado nos tópicos anteriores, tem gerado diversas modificações no que tange à dinâmica do trabalho bancário. A crescente automatização bancária, a migração dos meios físicos para os digitais, o aumento da produtividade e intensidade do trabalho garantidos através da gestão por metas, as jornadas flexíveis de trabalho, a redução na rede de atendimento e na quantidade de trabalhadores, têm causado sérios impactos à saúde do trabalhador bancário.

Devido a peculiaridade do setor bancário de conciliar velhas e novas formas de exploração do trabalhador, tem-se que a ocupação profissional de “escriturário bancário” foi uma das 20 ocupações com maior número de afastamentos por doença profissional e desligamentos devido aposentadoria por invalidez permanente decorrente de doença profissional no ano de 2015 (doc.1). Ademais, os bancos múltiplos com carteira comercial ocuparam a quarta posição na classificação das atividades econômicas com maior número de afastamento por doença profissional no mesmo período (doc.1).

De acordo com dados divulgados pela previdência social, de 2008 a 2016, foram registrados aproximadamente 63 mil afastamentos de trabalho, conforme tabela 2:

Tabela 2: Registro de acidente de trabalho por categoria CNAE

Categoria CNAE	Quantidade									
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Bancos Múltiplos (Com Carteira Comercial)	6.114	6.012	5.428	6.264	7.461	7.576	4.800	5.699	5.239	54.593
Bancos Comerciais	990	957	850	960	965	989	742	840	561	7.854
Demais Bancos	62	75	61	65	73	72	70	60	82	620
<b>Total</b>	<b>7.166</b>	<b>7.044</b>	<b>6.339</b>	<b>7.289</b>	<b>8.499</b>	<b>8.637</b>	<b>5.612</b>	<b>6.599</b>	<b>5.882</b>	<b>63.067</b>

Fonte: Previdência Social (2018). Elaboração Própria

Cabe salientar a deficiência dos dados sobre adoecimento divulgados pelas fontes públicas, a exemplo da previdência social, devido a grande quantidade de subnotificações e a dificuldade de comprovar a influência das condições de trabalho no desencadeamento de doenças, especialmente no que tange ao adoecimento psíquico. De acordo com Laurell (1978), há uma grande limitação em se reconhecer doenças desencadeadas pelo trabalho, uma vez que grande parte dos estudos acerca do tema realizam tal associação apenas quando esta se origina de causas físicas/estruturais, nunca questionando o próprio trabalho como adoeceador na forma que assume no sistema capitalista de produção.

De acordo com reportagem divulgada pelo sindicato dos bancários de São Paulo em 2017, se por um lado, os dados da previdência sobre afastamento registraram 63 mil casos em 8 anos - consolidando todos os motivos de afastamento -, os dados apontados pela pesquisa dizem que, apenas no ano de 2016, 75,3 mil trabalhadores foram afastados em razão de depressão. A mesma reportagem ainda aponta os transtornos psiquiátricos como a principal causa de afastamento entre os trabalhadores bancários, superando as doenças osteomusculares que por muito tempo foram majoritárias entre os trabalhadores. *É tipo assim, é supra humano você viver nessa situação assim. Tanto serviço, tanta pressão (Entrevistado 2). Na verdade a metodologia de trabalho, é um tipo de serviço muito propício a acionar o gatilho de uma doença, física ou psicológica, no trabalhador, é... devido às condições, eu acho que principalmente às condições psicológicas de trabalho (Entrevistado 4)*

Em outro estudo elaborado pelo sindicato dos bancários de São Paulo em 2011, 65% dos trabalhadores entrevistados informaram sentir estresse maior que o normal, 52% possuem dificuldade para relaxar, 47% fadiga constante, 40% formigamento em ombros, mãos e braços e 39% desmotivação para trabalhar. Ainda de acordo com a pesquisa, foi possível identificar outros sintomas relacionados ao adoecimento psíquico que também apresentaram alto nível de incidência, como constantes dores de cabeça (33%), dores de estômago ou gastrite nervosa

(30%), dificuldade em dormir, mesmo nos fins de semana (28%), vontade de chorar sem motivo aparente (28%) e sentimento de inferioridade (26%). *[Os trabalhadores adoecem] por estresse, por síndrome do pânico, por depressão demais, por LER (...)* A dedicação é muita, a pressão é muita, o estresse é muito. Você lida com todo tipo de pessoa e acaba que muitos não dão conta, então, assim, você vê muitos colegas que chegam no limite e não dão conta mesmo, entendeu? (Entrevistado 3).

Assim, para o capital, o que interessa é única e exclusivamente explorar o máximo da jornada de trabalho, sem se importar com a vida dos trabalhadores (MARX, 2013). Ainda de acordo com Marx (2013), tem-se que a produção capitalista é essencialmente produção de mais-valor, sucção de trabalho vivo, resultando na debilitação da força humana de trabalho, que se vê roubada das suas condições normais, morais e físicas. Devido aos fatores supracitados, tem-se conseqüentemente o adoecimento do trabalhador, que se vê esgotado e debilitado tanto em termos físicos como psicológicos.

*Quem de alguma forma um pouquinho se questiona não fica. Porque realmente é não ter nada na vida a não ser o banco. Então você tem que querer demais, porque todo o restante vira pó. Não dá tempo. É adoecedor, não há dúvida. É adoecedor. Em maior e menor medida. Pode[adoecer] o corpo, ou como muita gente mesmo, da cabeça mesmo. (Entrevistado 1)*

As novas dinâmicas do trabalho postas ao trabalhador bancário resultam, inclusive, em casos de exaustão, que podem levar os indivíduos a cogitarem decisões extremas. Segundo nota do sindicato dos bancários e Financiários de São Paulo em 2017, na década de 90, ocorreram diversos casos de suicídio no banco do Brasil, gerando alerta aos gestores para que acompanhassem a saúde dos seus subordinados. No entanto, mediante entrevistas coletadas, observamos que essa realidade não deixou de fazer parte do cotidiano da categoria bancária.

*Então aí são pequenas coisinhas que vão acontecendo que imagina você chegar pra trabalhar, puta de sobrecarregada, você falasse com seu chefe e ainda pagasse mil conto no final do dia. Você tem vontade de pegar um tiro, se não dar na sua cabeça, dar na de todo mundo. Entendeu? Então tipo assim, aí nesse dia que aconteceu isso foi a vez que eu senti vontade de me matar. Ai eu tava dirigindo a 120 por horas ai eu fui assim... é... que eu trabalhava [suprimido local], vindo pra cá. Ai eu lembro de uma hora eu falei assim: no gente, já pensou se esse carro bate e eu morro? Ai tipo assim, nossa, eu podia morrer gente, por favor. Porque eu não quero voltar amanhã. Ai eu cheguei em casa e tive uma crise de choro. Ai fui no psiquiatra e o psiquiatra falou que eu tava... que eu tinha tido crise de ansiedade por... é... trabalho estressante, por ter coisa que me estressa, que eu tinha que afastar. Ai eu fui e pedi demissão. Basicamente isso. É difícil né? (Entrevistado 2)*

De toda essa análise, portanto, concluímos que as rearticulações do capital no setor bancário, que acabam por alterar a dinâmica de trabalho neste setor, culminam no adoecimento dos trabalhadores. Essa é, porém, uma questão inerente à exploração da força de trabalho, que é fundamental para a manutenção do próprio capital. Será possível, portanto, esperar que os trabalhadores não adoçam ou ainda, buscar apenas melhorias nas condições de trabalho se na própria formulação do capitalismo não é fadado ao capitalista abrir mão da exploração do trabalhador e nem é possível ao trabalhador, não vender ao capitalista sua força de trabalho? Afinal, ainda que se apregoe a “liberdade” no capital, o trabalhador só é livre para escolher a quem vender sua força de trabalho, pois, não vendê-la, é não ter possibilidade de reproduzir sua própria existência. É sobre tal questionamento que discutiremos a seguir, em nossas últimas reflexões.

#### 4. REFLEXÕES FINAIS

Ao buscarmos compreender como as rearticulações do capital nas instituições bancárias no Brasil intensificam o trabalho e aumentam a produtividade, impactando as questões de saúde e adoecimento do trabalhador bancário encontramos que, nas últimas décadas, houve, no setor, uma reformulação que possibilitou uma maior concentração de capital, automação e transformações nos processos de trabalho. Tais transformações ocasionaram uma diminuição nos postos de trabalho, aumento das tarefas e novas maneiras de controle dos trabalhadores. Essas formas de intensificação do trabalho e aumento da produtividade acabaram, por sua vez, impactando negativamente na saúde dos trabalhadores.

É usual, nos estudos que tratam da saúde do trabalhador bancário, depararmos-nos com análises que partem do ponto de vista da psicodinâmica do trabalho (LIMA et al, 2014; MERLO, BARBARINI, 2002; SANTOS, SIQUEIRA, MENDES; 2010). Nesta perspectiva, de acordo com Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015, p. 805), a “saúde no trabalho não significa ausência de sofrimento, mas o potencial que cada trabalhador possui de utilização dos recursos internos e externos para transformação do sofrimento na busca pelo prazer e realização”. Tal perspectiva trata da saúde mental dos trabalhadores que, no setor aqui estudado, aparece como uma constante devido, em grande parte, a forma com que este trabalho se organiza. Também é possível encontrarmos, nas discussões que visam a melhoria ou menores impactos negativos na saúde trabalhadores bancários, conclusões que levam a proposições de políticas ou melhorias nos processos de trabalho que visem, por exemplo, o resgate da satisfação ou comprometimento no trabalho e que, assim, impulsionem melhores resultados para as organizações (Cf. CORREA; CAMELO; LEAL, 2017; CABRAL et al, 2018).

Nossa reflexão, neste trabalho, difere das encontradas nos estudos apontados no parágrafo anterior. Não é nosso ponto sugerir, por parte do trabalhador, a ressignificação do sofrimento ou o desenvolvimento de estratégias que possibilitem ao trabalhador continuar trabalhando ou, ainda, sugerir formas de gestão que impulsionam melhores resultados para as instituições bancárias.

Para tratarmos da relação entre saúde e trabalho compartilhamos da perspectiva de Laurell (1978), que nos apresenta o trabalho como uma categoria social, que deve ser tratada como tal em suas múltiplas determinações, inclusive nos estudos que contemplam saúde e trabalho. De acordo com a autora, o processo saúde-enfermidade é, em termos gerais, determinado pela forma como o homem se apropria da natureza em certos momentos, apropriação esta que é realizada por meio do processo de trabalho baseado em determinado desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção (LAURELL, 1982).

Por este motivo, iniciamos este estudo recuperando a categoria trabalho e analisando o lugar que este ocupa na sociedade capitalista. Consideramos ser necessário, assim como reforçado por Souza, Melo e Vasconcelos (2015), que a análise da saúde do trabalhador seja prescrutada levando em perspectiva o sistema de produção capitalista e suas contradições para que assim, não seja estabelecida apenas uma conexão de causa e efeito em que apenas as características do trabalho [abstrato] sejam compreendidas como causa e a saúde - ou a falta dela - do trabalhador, como efeito. Afinal, reflexões como esta, ainda que promovam algum tensionamento crítico quanto à saúde do trabalhador e às condições de trabalho, acabam, por assim dizer, reproduzindo e reforçando estratégias e valores da ciência e da ética burguesa, cujo a finalidade é, no limite, sempre, a valorização do valor.

Compreendemos que, no processo de expansão do capital, o trabalhador é continuamente exposto a condições de trabalho (e de vida) incertas e degradantes. Marx (2013) afirma que no próprio desenvolvimento do processo capitalista de produção é

reproduzida a fragmentação entre força de trabalho e condições de trabalho e assim, este modo de produção é capaz de reproduzir e eternizar as condições de exploração do trabalhador, forçando, de maneira contínua, o trabalhador a vender sua força de trabalho para viver e capacitando, também de forma contínua, o capitalista, para comprá-la e enriquecer.

A análise realizada neste trabalho nos mostra que, assim como Marx (2004) nos ensina, a efetivação do trabalho aparece como desefetivação do trabalhador, visto que o capital, em sua lógica destrutiva, não reconhece barreiras para sua exploração. E aquilo que deveria ser fonte de realização e autoafirmação para a humanidade, se transforma em degradação e estranhamento no momento em que a força de trabalho torna-se mercadoria.

Compreendendo que “o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral.” (MARX, 2008, p. 47) e que estamos diante de um sistema que mercantiliza, explora e expropria a classe trabalhadora e, além disso, tenta de todas as formas deixar latente sua desumanização, se faz necessária a luta contra esse modo de produção e suas condições concretas. Consideramos, pois, que a luta para superar a precarização do trabalho e suas manifestações na vida dos trabalhadores só é possível se associada à luta contra o sistema capitalista de produção, e só assim possibilitará melhores condições de saúde e de vida.

## **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, R.; PRAUN, L.A sociedade dos adoecimentos no trabalho. In: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p.407-227, 2015.

BANCO DO BRASIL. **Relação com Investidores.** Disponível em <<https://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/relacoes-com-investidores#/>> Acessado em 01 de março de 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Composição, segmentos e evolução do SFN.** Disponível em <[http://www.bcb.gov.br/pre/composicao/comp\\_evol.asp](http://www.bcb.gov.br/pre/composicao/comp_evol.asp)>. Acessado em 01 de março de 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Dados selecionados.** Disponível em <<https://www3.bcb.gov.br/ifdata/>>. Acessado em 01 de março de 2018.

BRADESCO. **Relação com Investidores.** Disponível em <<https://www.bradesco.com.br/siteBradescoRI/Default.aspx>> Acessado em 01 de março de 2018.

BRUNO, W. P. Bancários não são máquinas. I: SZNELWAR, L. (Org.) **Saúde dos bancários.** São Paulo: GRÁFICA ATITUDE LTDA, p. 83-104, 2011.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Balancos e Demonstrativos.** Disponível em <<http://www.caixa.gov.br/sobre-a-caixa/informacoes-financeiras/Paginas/balancos-e-demonst.aspx>> Acessado em 01 de março de 2018.

CAMARGO, P.O. **A evolução recente do setor bancário no Brasil.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CARCANHOLO, R. **Capital: essência e aparência**: volume 2. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CHASIN, J. **Método dialético**. Maceió, s/d, (mimeo).

COSTA, F. N. **Brasil dos Bancos**. 1. ed. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2014.

CONTRAF-CUT. Adoecimento mental na rotina bancários. Disponível em: < <http://spbancarios.com.br/02/2017/adoecimento-mental-na-rotina-bancarios>> Acessado em 01 de março de 2018.

DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Desempenho dos Bancos**. Dieese - Rede Bancários: São Paulo, 2017.

DIEESE. **Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2016**: Indicadores da Saúde do Trabalhador com base na Rais. Livro 7. São Paulo, 2017.

FEBRABAN. Federação Brasileira de Bancos. **Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária**. FEBRABAN: São Paulo, 2017.

FERRAZ, D. L. S. **Desemprego, exército de reserva, mercado formal-informal: rediscutindo categorias**. 2010. 275 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Revisão Sistemática da Literatura. **Temas em Psicologia**. v. 23, n. 4, p. 803-814, 2015.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ITAÚ. **Relação com Investidores**. Disponível em < <https://www.itaubank.com.br/relacoes-com-investidores>> Acessado em 01 de março de 2018.

LAURELL, A. C. Proceso de trabajo y salud. **Cuadernos Políticos**, n. 17, p. 59-79, 1978.

LAURELL, A. C. La Salud-Enfermedad como proceso social. **Cuadernos Médico Sociales**, n. 19, p. 1-11. 1982.

LIMA, C.Q.B et al. Assédio moral e violências no trabalho: caracterização em perícia judicial. Relato de experiência no setor bancário. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v.39, n.129, p.101-110, 2014.

LUKÁCS, G. Ontologia do Ser Social - Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Contribuição a crítica da economia política**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Volume I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Volume 2. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, K.; ENGELS, F. O manifesto do partido comunista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MERLO, A.R.C; BARBARINI, N. Reestruturação produtiva no setor bancário brasileiro e sofrimento dos caixas executivos: um estudo de caso. **Psicologia & Sociedade**., Porto Alegre, v.14, p.103-122, 2002.

NASCIMENTO, R.P.; DAMASCENO, L.C. M.; NEVES, D.R. Between reward and suffering: the bank workers' view of the flexibility discourse. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 15-38, 2016.

PINA, J.A.; STOTZ, E.N. Intensificação do trabalho e saúde do trabalhador: uma abordagem teórica. **Rev. Bras. Saúde ocup.**, São Paulo, v.39, p.150-160, 2014.

PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Base de Dados Históricas de Acidente de Trabalho**. Acessado em 01 de março de 2018.

ROLO, D. Novas perspectivas sobre sofrimento ético no trabalho: o caso da mentira como prescrição. In: SZNELWAR, L. (Org.) **Saúde dos bancários**. São Paulo: Gráfica Atitude Ltda, p.83-104, 2011.

SANTANDER. **Relação com Investidores**. Disponível em < [https://www.santander.com/csgs/Satellite/CFWCSancomQP01/pt\\_BR/Corporativo/Relações-com-Investidores.html](https://www.santander.com/csgs/Satellite/CFWCSancomQP01/pt_BR/Corporativo/Relações-com-Investidores.html) > Acessado em 01 de março de 2018.

SANTOS, M.A.F.; SIQUEIRA, M.V.S.; MENDES, A.M. Tentativas de Suicídio de Bancários no Contexto das Reestruturações Produtivas. **RAC.**, Curitiba, v.14, n.5, p.925-938, 2010.

SILVA, J.L.; NAVARRO, V.L. Organização do trabalho e saúde de trabalhadores bancários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. V. 20, n. 2, mar.-abr., 2012.

SOUZA, D. O.; MELO, A. I. S. C. de; VASCONCELLOS, L. C. F. de. A saúde dos trabalhadores em “questão”: anotações para uma abordagem histórico-ontológica. **O Social em Questão**, n. 34, p. 107-136, 2015.